

□

***Educação e Museus. Entrevista com a Profa. Dra. Junia Sales Pereira***

*Júlio César Virgínio* [\[1\]](#)

e *Marco Antônio Silva* [\[2\]](#)

**A Dra. Junia Sales Pereira é professora do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação (Fae) da Universidade Federal de Minas Gerais. É uma das coordenadoras do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (Labepeh) da Fae/UFMG. Desenvolve pesquisas sobre a relação entre Escolas e Museus, práticas de memória, educação e patrimônio, educação em museus. Durante entrevista concedida aos professores *Júlio César Virgínio e Marco Antônio Silva, apresentou reflexões e desafios que devem estar no horizonte daqueles que pretendem trabalhar a educação atravessada pela problemática e transformação dos museus na contemporaneidade.***

□

**VÍRGÍNIO/SILVA:** A senhora afirma que nos museus os objetos se encontram deslocados, colocados e locados em um ambiente de guarda e mostra que isso os deixa irremediavelmente desenraizados. Além disso, parece compartilhar com Ricceur (2007) e Heidegger (1999) que em muitos museus os objetos compõem uma narrativa em que o

**passado é concebido como real acontecido, como tela fixa, morto e sepultado sobre o qual não cabe lançar questões-problema ou interrogações. Mesmo assim, os museus são locais privilegiados para o aprendizado da História?**

**PEREIRA:** Penso que os museus não são ambientes exclusivos de aprendizagem histórica, tampouco devem pretender garantir ideais educativos totais. É mais significativo pensar que os registros culturais são fundamentalmente abordáveis na aprendizagem histórica: desde a análise do que chamamos de registros e bens materiais até as práticas culturais vinculadas às tradições identitárias e os saberes, sons, gostos e gestualidade. Os professores têm, à sua disposição, já no curso da história, sua matéria. Não é necessário ou imperativo que existam museus para que a aprendizagem histórica se realize. Mas onde há museus, há que se levar em conta de que forma as aprendizagens culturais se realizam, jamais enclausuradas ou encerradas no próprio museu, mas atravessadas por ele. O museu é instituição porosa, permeável e aberta; convida à aprendizagem da cultura de maneira dinâmica e pluralista, sem pressupor totalizações ou univocidades. Estou localizando os museus nos circuitos culturais e sensíveis da sociedade, compreendidos como gestos arbitrários que essa mesma sociedade realiza e, portanto, como instituições produtoras de percepções sobre a história, sobre os objetos, também sobre as impermanências dos rastros. Os museus são instituições vinculadas à destruição, aos gestos que, se de um lado proporcionam salvaguardas, de outro, implicam-se também com a ruína e o terror. Os museus podem ser locais privilegiados de aprendizagem histórica: sobretudo porque ensinam os arbítrios que ensejam salvaguardas num determinado contexto. Como disse, a aprendizagem histórica nesses ambientes ricamente estruturados realiza-se tanto pela compreensão reflexiva dos sentidos da preservação quanto pelas possibilidades sensíveis de encantamento, fruição e horror. Falo de aprendizagens da história que não podem prescindir da percepção da cultura como rede fractal, tecida como ato engajado e arbitrado, como discurso poético e político em que se insere a problemática da existência dos museus; sem o que trataríamos a museália como mero registro do passado, sem relação com o que ainda viceja e sem vinco com as escolhas narrativas herdadas por nós, também tecidas no presente, sobre a história.

**No artigo “Viajando através da carne” - história, rastro e esquecimento na educação em museu a senhora afirma que é possível haver gestos sensíveis para com a problemática da memória, da história e do esquecimento onde não há museus institucionais. Quando isto não acontece, a senhora chega a citar que alunos que vivem**

**em Sabará podem ser levados a pensar que a legítima história de Minas está em Ouro Preto quando fizerem uma viagem histórica para lá. Os estudantes que moram em uma região periférica da cidade de Pedro Leopoldo acreditam que a história legítima da cidade está no centro que muitas vezes nem conhecem desconsiderando a sua própria história. Nestes casos, podemos dizer que os professores pouco sensíveis a estas possibilidades carecem de uma formação para a educação patrimonial ou em sentido mais amplo de uma melhor formação no campo da História e do Ensino de História?**

**PEREIRA:** Um primeiro exercício significativo talvez seja o de cultivo das dimensões vivenciais da aprendizagem histórica. Há estudantes de História que raramente refletem, ao longo da sua graduação – e como parte de sua formação -, a respeito da história do lugar em que vivem, pouco problematizam a história no cotidiano e também na sua experiência como sujeito social. Essa é uma problemática antiga, mas pouco superada, a meu ver. A formação academicista pode desfavorecer o cultivo de reflexões pelo graduando/professor a respeito das dimensões éticas e políticas da história na sua experiência comunitária/grupal. Penso que essa é uma das chaves interpretativas (não a única, claro) da compreensão histórica: haver-se com o mundo, incluindo boa bagagem acadêmica que seja, ao mesmo tempo, sensível à experiência social do sujeito em formação e à sua trajetória social e acadêmica também.

Outro exercício fundamental parece ser o de ampliação da noção de fronteira, tornando possível que os graduandos possam realizar análises nas realidades em que estão, em diálogo profícuo, aproximativo e crítico com outras realidades. Esse movimento – que integra planos de percepção – com foco simultâneo em micro e macro-realidades – pode ser muito enriquecedor para a formação docente. Isso pode ser feito na educação básica, sobretudo quando os professores têm concepções alargadas acerca do patrimônio, ou seja, quando passam a compreender as dimensões vivenciais e processuais do patrimônio, também os abrangentes, até chegar à vida cotidiana e aos mínimos gestos de significação na vida social. Uma aluna disse-me certa vez que ela se recusava a pensar o patrimônio a partir de uma lata de óleo porque uma lata de óleo está na cozinha da casa dela, faz parte da vida comum e isso não tem interesse de patrimônio. Ao convidá-la à reflexão acerca do patrimônio através das práticas sociais e culturais envolvidas na existência, usos, trajeto e história de uma lata de óleo, talvez eu tenha provocado a enunciação de outros valores que informam a cultura humana na aprendizagem desde a graduação e com elementos da vida. Não custa dizer o quanto é urgente capilarizar a noção de patrimônio para que de fato permitamos que a percepção e crítica cultural se realizem sem espetáculos ou mitificações.

**No artigo *Objetos: entre a Memória e o Esquecimento*, em *O Cheiro do Ralo*, a Sra. comenta como o proprietário de uma loja de produtos usados, visando o lucro, negocia com seus fornecedores desqualificando o valor sentimental que os mesmos atribuem aos objetos que pretendem vender. O objeto neste caso torna-se, irremediavelmente, uma mercadoria. Nesta perspectiva, podemos dizer também que vivemos um momento em que a produção e o consumo são intensos. Os objetos descartáveis são muito consumidos em nossa sociedade. Quais são os desafios que aqueles que se dedicam à educação patrimonial enfrentam em meio a uma sociedade com uma cultura forjada nesse ambiente de mercantilização dos objetos?**

□

**PEREIRA:** Penso que o primeiro desafio é o de educar para compreender as perversões presentes no processo do consumo: talvez o que a sociedade do consumo produza não seja exatamente o desejo por objetos (a cada dia mais modernos, mais eficazes, mais atraentes). Penso que o que essa sociedade produz é uma pulsão insaciável, não preenchida plenamente pelo consumo de objetos, mas calcada no ato de consumir: ao comprar objetos, o consumidor está atendendo, em várias situações, ao desejo do consumo, ao desejo de compra. Esse desejo não é suprido pela propriedade do objeto, pois tão logo adquire aquele objeto, surge não raro outro desejo de compra.

Educar para compreensão dessa face do consumo é fundamental, em especial para que possamos re-cultivar as possibilidades mediadoras, sensíveis, éticas e encantadoras que os objetos – sobretudo aqueles que envelhecem conosco – podem provocar em nós e nas nossas relações sociais. Os objetos que conosco envelhecem permitem-nos dimensionar o curso da vida, o posicionamento de nossa trajetória no curso da vida social. É comum que ouçamos dizer que os objetos têm valor sentimental, não exatamente valor “histórico”. É importante problematizar essa afirmação, primeiramente reintroduzindo a história na vida comum, superando o pressuposto de que a história somente se realiza se há glória ou evento excepcional – algo alheio à vida em curso. E, depois, permitindo que os objetos nos acompanhem, que sejam artefatos e, ao mesmo tempo, que eles sejam testemunhos de nossa trajetória. Um mundo sem testemunhos parece-me anunciado por essa descartabilidade

frenética; a radicalidade disso nos levaria a um naufrágio sem espectadores. Há um desafio fundamental posto aos professores: se a história pode ser vista como uma ética dos sujeitos viventes, no tempo, a reação à descartabilidade pode ser uma forma de educar de forma sensível, cultivando os valores da memória e novas sensibilidades.

**A senhora relata em diversos textos de sua produção acadêmica a necessidade dos professores terem uma formação alicerçada na história e na antropologia. Quais as razões para essa preocupação?**

**PEREIRA:** Penso que é fundamental que os professores possam superar posturas etnocêntricas, permitindo que aspectos/valores culturais contrastantes aos seus e de seus alunos sejam investigados, compreendidos e sentidos numa visita escolar. Nessa perspectiva, o museu pode ser ambiente de confronto e estranhamento. A visita escolar pode se transformar numa oportunidade formativa muito valiosa para os alunos e professores se houver abertura para encontro com a diferença e a radicalidade; se, também, o que o professor esperar encontrar no museu puder garantir uma formação pluralista, sem preconceitos. Neste caso, o Museu não pode ser visto como um ambiente de conforto no qual o professor encontrará confirmações ou ilustração para os conteúdos trabalhados em sala de aula, mas, diferentemente, como um ambiente problemático. Essa concepção demarca significativamente a relação museu-escola num campo de diálogos profícuos, possibilitando que o professor possa usufruir de forma protagonista das reflexões sobre a memória e a história provocadas pelo museu. A experiência dos visitantes é fundamentalmente considerada nessa perspectiva, pois é no campo da experiência que o museu realiza sua face educativa, desdobrando os sentidos unívocos em sentidos plurais, rompendo com toda sorte de totalizações ou tentativas de construção de narrativas únicas ou pré-fixadas para a história e a memória. Não nos esqueçamos também que os usos culturais e educativos do museu pelo professor dependem fundamentalmente da potencialidade com que o professor lança mão de elementos ativos de criação, significação e mobilização de ideias.

O que o campo da significação pode nos ensinar, por exemplo, nos usos do museu, é que os objetos não possuem essências, diferentemente, a partir e através deles construímos redes de significação. E é pela sua capacidade de simbolização, por exemplo, que nós, humanos,

podemos distinguir e construir diferentes significações, para o que seria uma vara de marmelo (muito usada em Minas Gerais para castigos) e um graveto de marmelo. Aparentemente, os objetos são idênticos, mas os usos e significações a eles atribuídos, ou mesmo o lugar ou posição em que estão inseridos dão a eles significação específica, sendo uma totalmente diferente da outra e seus significados independentes de sua forma, cor, textura ou tamanho. Somos sujeitos de simbolização e, por isso, dizemos com facilidade as diferenças culturais entre o que seria água destilada e água benta (como nos exemplifica Marshal Sahlins). Essa reflexão sobre aprendizagem dos sentidos da cultura é fundamental à docência, penso.

□

**A senhora defende a importância do silêncio como elemento rico de possibilidades dialógicas entre o visitante e os objetos museais durante uma visita. Comente um pouco como a senhora percebe, analisa e reflete sobre este momento do silêncio.**

□

**PEREIRA:** Numa situação marcada pela dialogia, o silêncio é fundamentalmente um elemento discursivo. No museu há polifonia de vozes, pois são narradores os objetos, os visitantes, os profissionais do museu e o cenário do museu com a sua ambiência. Há ritmos, entonações, ênfases, exclamações, pausas numa visita escolar. O silêncio pode ser provocado por dúvidas, descobertas, espanto, horror, aversão ou encantamento. Em todos os casos ele pode ser educador. Falo de uma educação permeada pelas trajetórias e significações que os sujeitos produzem mediados pelos registros de memória e pelas necessidades investigativas ou de fruição daquele momento/circunstância. O silêncio de um aluno diante de um canivete numa exposição, por exemplo, pode acontecer em função da elaboração por ele de uma série de perguntas, dúvidas ou inquietações que se ligam a uma série de códigos, significações e suposições que este visitante mobiliza naquele momento.

Há o objeto enigma, que é aquele objeto desconhecido pelo visitante. Nesse caso ele pode supor usos os mais variados para aquele objeto no tempo e também pode ficar intrigado ao saber do verdadeiro ou autêntico uso do mesmo. É uma atividade de descoberta e de intuição,

também de prazer por descobrir coisas surpreendentes. Há o objeto de infância, que em alguns casos pode provocar no visitante uma evocação do passado circunstanciada pelo tempo decorrido, pelo distanciamento ou pela sensação da sucessão ou inevitabilidade do tempo. Há saudade, dor, alegria, encantamento em todos os casos. Geralmente esse objeto de infância é artefato de encantamento. Os visitantes querem tocá-lo, cheirá-lo, sentir sua corporeidade. Outras vezes querem simplesmente ficar em silêncio diante dele. E essa não é uma atitude de passividade, mas o que se realiza é geralmente um trabalho de memória, que inclui processos dinâmicos de elaboração e de criação de sensações, levantamento de hipóteses, provocações e construção de narrativas, com mistura de oníria e paixão. Alguns visitantes criam seus próprios cenários, cenários imaginários. Vêem o cenário criado pelo museu, mas o recriam mentalmente. Certa vez, em visita ao Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte, ouvi um visitante dizer que a lingüiça exposta naquela venda não era exatamente do jeito que era na infância dele. E que a lingüiça correta era do tipo “Maria Rosa”. O que esse visitante fez foi a recriação do cenário, substituindo um objeto por outro, que lhe parecia mais verossímil à sua experiência de memória.

O silêncio permite isso, essa reelaboração mental, essa experiência de trabalho da memória mediada pelos objetos e propostas expositivas. Eu poderia criar uma lista infinita de objetos e situações com potencialidades incríveis de fruição e aprendizagem compreendendo o valor educativo do silêncio. Não há limites. Em todas as situações, eu penso, seria importante que os professores pudessem oportunizar aos seus alunos um momento de visita livre ao museu, para que exercitem esse direito ao silêncio e à intimidade-experiencial.

**Os museus, via de regra, dedicam-se a preservar objetos concretos que se transformam em instrumentos de preservação da memória. Em que medida é necessário e possível transformar outros objetos não tangíveis como os conhecimentos, técnicas, tradições, as mais diversas manifestações culturais de um povo em objetos de contemplação museal?**

**PEREIRA:** Eu não tenho trajetória em museologia, então não conseguiria responder a essa questão sob essa ótica. Mas a sua pergunta me provoca a pensar primeiramente que os museus são instituições de preservação em seu sentido ampliado, compreendendo registros tangíveis e não tangíveis, traços e processos da vida social que podem ser de valor referencial para um grupo ou sociedade. Sobretudo nos museus contemporâneos, vemos a superação e também a problematização (necessária e inclusiva) dos pressupostos informadores de originalidade, excepcionalidade ou raridade dos objetos. Então hoje vemos alargada a concepção do que venha a ser objeto musealizável, fazendo comparecer aos museus e aos gestos de musealização, praticados socialmente, as cuias, cabaças, colheres de pau, chapéus de palha etc, que eram, no início da história da museologia, considerados desprezíveis, a não ser que alguém considerado importante os tenha utilizado e, por meio de seu uso, concedido a esses objetos uma glorificação. Toda a discussão a respeito da imaterialidade da cultura afetou profundamente os museus e com repercussões muito significativas nos processos educativos.

Os museus contemporâneos exploram outras dimensões formativas além da contemplação, como o debate, a intuição, a percepção, a desconstrução, a ludicidade, o estranhamento... Isso se deve não apenas porque bens intangíveis são considerados de interesse para os ambientes museais, mas porque foram alteradas as abordagens também dos objetos materiais, permitindo com que as significações que os sujeitos produzem através deles sejam explicitadas, confrontadas, enfim, comunicadas pelos públicos. A exposição incorpora as elaborações dos públicos, marcando o museu irremediavelmente pela imprevisibilidade. Esse diálogo entre museus e públicos variados, marcado pelo atravessamento da significação e instituído pela incompletude intrínseca da exposição, parece ser fundamental.

**Qual poderia ser a atuação/papel do professor em uma visita a um museu?**

**PEREIRA:** Que tal concebermos que o museu é babélico, que o visitante é um andarilho e que os objetos são corpos/ideias moventes, tocantes e provocadores? Talvez o professor possa



convidar seus alunos a capilarizar o museu, tornando-o plural e polifônico. Quem sabe, possa caminhar ou deambular pelo museu, vagar também em algum momento, sendo vadio nesse ambiente de dispersões. Ou ainda, possa explorar os objetos ao des-limite, fazendo implodir os sentidos primeiros ou originais, criando outros sentidos e outras linhas de interpretação. Podemos, assim, percorrer as trilhas já indicadas pelo museu, mas também explorar outros percursos, outros caminhos formativos. O museu é ambiente para pensar as manipulações da memória e do poder, sem receios. Mas também lugar de se encantar, trocar ideias, interrogar(-se). Essa postura exigirá uma formação docente marcada por renovadas sensibilidades. É fundamental compreender os arbítrios e sensibilidades que informam o gesto de musealização, com atividade durante a visita, sem passividade. Exigirá que o pós-visita seja momento de crítica, análise e sistematização de reflexões e percepções, com exercício de comparações entre a vida corrente e o plano museal, entre as apropriações do objeto na cultura e sua nova face no museu, entre a história narrada na escola e as narrativas históricas do museu, entre os silêncios da história e aqueles também presentes na prática museal.

Assim, esse é um movimento de compreensão do museu – suas finalidades, história e trabalho – ao mesmo tempo é mesmo um movimento de amplificação da noção de cultura, fazendo com que os alunos também se apercebam dos limites criados pelo museu no trato com a memória e a história. Essa é uma educação que permite ver e sentir, também ultrapassar, as fronteiras do museu, compreendendo pela experiência e relação com a cultura, os valores formativos que se situam nas margens das instituições, mas que podem ser muito relevantes para uma educação comprometida com a superação de toda sorte de preconceitos. Portanto, minha resposta talvez tenha situado o papel do professor para além da visita escolar, em diálogo e confronto com seus elementos, ao mesmo tempo implicando-o na dinâmica dessa andarilhagem social, com os desafios da fruição num mundo em que a memória é pouco valorizada.

---

[1] Mestre em Educação e professor da rede particular de Ensino de Belo Horizonte.

[2] Mestre em Educação, autor de livros didáticos e professor das redes particular e municipal

## **Educação e Museus. Entrevista com a Profa. Dra. Junia Sales Pereira**

Escrito por Júlio César Virgínio e Marco Antônio Silva

Sáb, 13 de Novembro de 2010 00:00 - Última atualização Ter, 16 de Novembro de 2010 18:56

---

de Belo Horizonte.